

CANDIDE À CARACA

NELLY HAZARD
GROUPE SPÉLÉO BAGNOLS MARCOULE



Parte da equipe francês-brasileira no início da subida ao Pico do Inficionado no dia 27 de junho de 2001. Foto: Jean François Perret.

Quarta-feira, 27 de junho de 2001

São 9:45h da manhã quando os primeiros caminhantes da caravana começam a se afastar do mosteiro, onde passamos nossa última noite “com todo o conforto” (cama confortável, mesa bem servida, água à vontade...) antes de montar o acampamento para os próximos 5 dias no Pico do Inficionado (alt. 2060m).

Mercredi 27 Juin 2001

Il est 9h45 ce matin-là, lorsque les premiers marcheurs de la caravane tournent le dos au Monastère, où nous venons de passer notre dernière nuit « tout confort »

(lit douillet, table généreuse, eau à volonté...) avant de planter le camp pour les prochains cinq jours au Pico do Inficionado (alt. 2060 m).

The exploration of the caves at Pico do Inficionado demands a lot of technique, equipment and fitness from the cavers. However, as can be seen in this article, the lack of these attributes do not prevent people from taking part in the expeditions. After all, helping to set the camp site and to

transport the equipment are also essential roles to the success of the exploration.

In this article, the day-by-day of the last French-Brazilian expedition is described, by the point of view of someone who worked on the backstage of the explorations.

Mas o que é que eu tinha em comum com meus 15 companheiros (Jef, Jacques, Guy, Valérie, Benoît, Marc, Joël, Gilles, Olivier, Ezio, Augusto, Daniel, Hedmilson, Álvaro e Gabriel) – espeleólogos fanáticos e apaixonados – em busca de “premières”, de abismos, de galerias e de rios subterrâneos?

Eles estão muito acostumados aos exercícios físicos, enquanto fazia mais de 5 anos que eu não desafiava o cume de uma montanha. Eles conhecem tudo da técnica e podem dormir nas paredes. Da minha parte, conseguia com sofrimento me pendurar na corda (sem fracionamento, por favor!). Cada um deles podia mostrar sua competência a uma das especialidades úteis à espeleologia (geologia, hidrologia, biologia, topografia, equipamento, resgate...) enquanto eu não tinha qualificação em nenhuma dessas áreas. Nada em aparência... Todavia, eu tinha pensado em tudo, quando nasceu no meu espírito, dezoito meses antes, o desejo de me juntar a eles.

Por que tal entusiasmo tão grande em querer ir “ao fim do mundo”, para simplesmente “ficar tranqüila na superfície, sem objetivo preciso, enquanto as equipes se esforçavam como ninguém dentro do seio da terra”? Simplesmente porque as motivações de cada um para participar de uma ação podem ser muito diferentes! As minhas estavam ligadas ao interesse e à curiosidade a respeito do “fenômeno expedição”: ver, entender, sentir qual era o motor dessas equipes (que integravam um conjunto de pessoas quase idêntico, desde que essas expedições haviam começado, em 1994). Compartilhar o cotidiano de um grupo solidário, com um objetivo comum, e essa amizade franco-brasileira que se perpetua ano a ano e se reforça a cada

encontro. Captar as emoções que passam no decorrer do dia, em função do desenrolar das operações, e perceber cada um, sob uma outra ótica que a do dia-a-dia rotineiro... E também pela simples curiosidade de descobrir uma terra desconhecida, terra sobre a qual eu ouvira tantas histórias apaixonantes desde a expedição pioneira de 1999 ao Caraça.

Como eu, a “cândida”, consegui me tornar um elemento de uma equipe de especialistas, no quadro de uma expedição, cujo objetivo requeria de seus membros qualidades bem específicas? Isso pode funcionar, graças à amizade e à fraternidade que existia em uma equipe simpática, que aceitou que eu pudesse compartilhar dessa aventura enquanto, de minha parte, era claro que faria o máximo para fazer na superfície o que eu não podia fazer sob a terra. Como a experiência da expedição anterior mostrou, uma das ajudas mais requeridas era o abastecimento de água. Então, eu seria a “carregadora de água”...

Quando se considera a importância da água para a sobrevivência de um acampamento, esse papel bem que me agradou bastante. Fica claro que a água não falta no Caraça: ela circula sob nossos pés, atravessa, fura, esculpe o mundo subterrâneo, terreno de ação dos meus companheiros... Mas, na superfície, esta é uma outra história!

O primeiro ponto de água subterrânea, nesta época do ano, se encontra a -80 m, na Gruta do Centenário, enquanto cada ida e volta até o acampamento, necessita de mais ou menos uma hora.

Ainda existe uma outra possibilidade para captação de água nos arredores do acampamento: uma fonte que entrega seu “tesouro”, gota-a-gota: demora meia-hora para produzir 7 litros! Para abastecer o acampamento de 16 a 21 pessoas com água

suficiente para a higiene pessoal mínima, a cozinha, para lavar as vasilhas, para beber na superfície e dentro da gruta e para as lanternas de carbureto, eram necessários cerca de 100 litros de água por dia.

Mas para chegar até o acampamento – a terra prometida – não precisava andar em cima da água, mas sim “comer pedras”. E eu já estava sofrendo como se isso fosse a minha “première” antes de ter chegado. Enquanto todo mundo avançava como cabrito montês, cheio de alegria, eu comia pedras. Não me faltava alegria, esta estava no meu coração e na minha cabeça, mas minhas pernas não queriam saber de nada disso! Por sorte, umas mãos caridosas me permitiram atingir o objetivo. Eram 15 horas quando eu pude, enfim, dominar pelo olhar a imensidão e a magnificência do lugar. Uma paisagem virgem, um horizonte ilimitado, um silêncio que só nós rompíamos. O acampamento já estava se instalando e havia água suficiente para a noite. Precisava ainda consolidar o abrigo do acampamento – lugar de reunião para a organização das expedições, as refeições e as trocas animadas após as voltas das explorações – e encontrar lenha para acender a primeira fogueira, inaugurando nossa chegada. Calor bem vindo para suavizar a mordida do frio desse fim de dia. Nessa noite todo mundo foi dormir cedo. Para o primeiro dia, os nossos objetivos a estavam cumpridos.

Cada dia teria seu objetivo e cada equipe sua missão.

A cada dia eu veria as equipes saírem para as profundidades, com suas respectivas missões, enquanto eu ficaria lá em cima para cumprir a minha imutável rotina... imutável, mas não sem interesse, pelo que ela ia me permitir viver. De quinta até a segunda-feira minhas



Trilha de acesso ao Pico do Inficionado. Foto: Jean François Perret.

atividades se harmonizariam com a saída e a volta dos grupos. Minha jornada ficou, então, pontuada pelo café da manhã e o jantar compartilhado em comum. Conseguimos até mesmo “réveillonner”... Mas isso faz parte da história de Jacques. Ele mesmo a contará!

A cada manhã o ritual era quase idêntico, mas cada manhã era também muito diferente da outra. O ar e a luminosidade eram diferentes, a luz e a expressão dos rostos eram diferentes, o ritmo também era diferente.

Às vezes o acampamento emergia lentamente de seu torpor e cada um saía da neblina matinal no mesmo ritmo do sol subindo ao céu. Em outras manhãs, o barulho das vozes e dos risos violentava a natureza ainda adormecida. De toda forma, o primeiro ponto de encontro era o café da manhã coletivo, caloroso e sempre copioso. Após o café da

manhã, uma reunião se organizava para repartir e preparar o material, arrumar as mochilas e constituir as equipes que se afastavam, em ondas sucessivas, para todas as direções nos cimos, rumo ao território a ser explorado. E quando a última silhueta desaparecia no horizonte, a minha missão começava – um pouco como a do assistente de teatro que ninguém nunca vê subir ao palco...

Em uma primeira etapa a superfície das montanhas se esvaziava, as fendas e os poços acolhiam os mais impacientes de seus primeiros visitantes do dia. Os diferentes habitantes cavernícolas recuavam frente à invasão, pois um outro ritmo começava. Embaixo da terra a atividade se fazia mais intensa, enquanto, na superfície a calma estava de volta e os ocupantes naturais do lugar retomavam a posse de seu território. E eu, sozinha nessa amplidão com fronteiras

insondáveis, tinha a impressão de entrar em um outro mundo: os pássaros, as borboletas e outros insetos tomavam o espaço ocupado há pouco pelo balé humano em efervescência.

Uma olhada circular me fez sorrir: o acampamento parecia uma sala de jogos desertada de repente por um grupo de crianças, uma cozinha saqueada por um gato esperto, um campo de batalha após a partida das tropas... O café derramado tinha por vizinho uma meia, esquecida por alguém; uma xícara vazia se encontrava perto de uma sacola de plástico rasgada, para guardar pó de carbureto; sacos de reservas alimentares esperavam, boquiabertos, a mão que os fecharia de novo, até o próximo assalto. Um pouco mais acima, no promontório que servia de ateliê, de escritório, de bar (...) equipamentos variados esperavam para uma próxima partida. Sob a lona, o bloco de pedra que servia de mesa desaparecia

embaixo dos sacos estripados e das vasilhas sujas. Do lado de fora da lona a fogueira cercada por blocos de pedra havia sido transformada em lixeira... As cinzas estavam recobertas de lenços de papel, de sacos de plástico, de invólucros de salame, de crostas de queijo que se consumiam, exalando um cheiro acre. As reservas de água, as garrafas e os galões estavam a seco.

Bom, ao trabalho!

Primeiro objetivo:

fazer o abastecimento de água.

Recuperei uma sacola de plástico suspensa em uma moita, coloquei todas as garrafas vazias, equipei os galões e os cordões para facilitar o carregamento. Fui depressa até o ponto de água que me indicaram ontem à noite. Eu seguia a crista da montanha até atingir as árvores e, em seguida, um caminho estreito e íngreme de terra até um arco onde líquens tingiam a rocha com manchas coloridas. Achei! Esse lugar parece uma gruta secreta se confundindo com a paisagem de fora. Ele oferecia um refúgio fresco e discreto, deixando filtrar com parcimônia os raios do sol, onde flutuava um cheiro de húmus.

Eu vi a fonte: a água saía no meio da rocha e corria formando um filete em uma bica improvisada, confeccionada com um pedaço da asa do avião que tinha caído anos antes, a uns 100 m do acampamento. Esse dispositivo permitia, efetivamente, uma recuperação mais fácil da água. Eu pus todos os recipientes e coloquei um primeiro galão. Durante o enchimento inspecionei o lugar. Depois eu coloquei o segundo galão e subi com minha primeira provisão rumo ao sol.

Quando cheguei perto da barraca, uma população variada de pássaros ocupava o espaço. Eles não pareciam ficar muito perturbados com a minha aproximação. A fim de não apavorá-los, evitei qualquer

gesto brusco, porque minha intenção era bem de aproveitar a presença deles. Sentei e observei: preto gaio, bege acinzentado, cinza pintado de cores... Eu não conhecia nenhuma dessas espécies.

Cada um parecia ter seu território de predileção e seu programa de ação: um deles se esforçava por acabar com as sobras do café da manhã; um pouco mais afastado um solitário se deleitava com o orvalho armazenado por uma planta formando um cálice. Focalizada nessa imagem... Sem câmera, porque agora que eu tinha me integrado ao meio natural deles, o menor gesto da minha parte os faria fugir. Meu olhar parou, meu espírito se foi... Embaixo da terra, onde eles estavam! O que eles estariam fazendo? Agora, as equipes não têm mais contato entre elas, cada uma está seguindo sua jornada em busca de seu objetivo. Será que fazia frio lá embaixo? Será que eles encontraram água?

A batida de asas de uma borboleta, flamejante de cores, aterrizando em uma pedra próxima a mim, fez-me lembrar que a hora de folga tinha acabado — eu precisava buscar mais água! Acabei com o charme para retomar as minhas atividades. Antes de descer de novo até a fonte, transferi o conteúdo do primeiro galão para o reservatório principal. O objetivo consistia em encher o reservatório antes do meio dia, para que ele esquentasse durante as horas quentes.

Ah! A água transbordou... Uns minutos tarde demais. Eu coloquei o terceiro galão e subi. Já eram 10 horas da manhã, o dia se anunciava muito quente. Os dias eram curtos e entre 10 e 16 horas era o momento mais quente e cheio de luz. Antes as brumas não haviam ainda se evaporado, depois o crepúsculo começava a “comer o céu” anunciando um pôr-do-sol que parecia um fogo de artifício. Não parecia mesmo que estávamos no inverno...

Um vai-e-vem em que se alternavam o enchimento do reservatório, a arrumação, as vasilhas, a limpeza da fogueira e a preparação do fogo me levaram, sem pensar, a fazer uma pausa para beliscar e me refrescar na fonte (porque não mee aproveitar do conceito “diretamente do produtor até o consumidor!”). Para esta viagem eu trouxe um bloco de anotações e uma câmera, porque a estadia seria um pouco mais demorada: era a sequência da limpeza das garrafas (recobertas de terra ou de pó de carbureto), seguida pelo enchimento para a cozinha e para beber. Em alguns dias eu me aproveitava das delícias de um banho no meio da natureza nesse quadro bucólico. Porque, graças a um cantil amassado, eu podia conseguir em torno de um a dois litros a mais de água em pouco mais de meio dia, a partir de um gotejamento secundário da asa do avião.

Zoom embaixo da terra...

O que estava fazendo Jef, Augusto, Joël, Jacques, Benoît, Ezio, Valérie e os outros? Uma pausa para a refeição ou uma desventura para encontrar o ponto topográfico?

Cogitação interior (...que droga! Se eu tivesse trazido um mosquetão a mais... Eu achava que tinha trazido uma bateria de reserva...) ou jubilação (...é, olha! Venta! Existe uma passagem, vamos fazer a junção!). Mas tudo isso não passava de uma ficção... Tudo isso saía da minha imaginação, pois eu não estava com eles! Esta noite, enfim, quando eles estivessem de volta, eu ficaria sabendo o que eles tinham vivido, transcendido, ultrapassado, atingido, arriscado... Eu sentiria o cansaço deles, sua prostração e, às vezes, sua impaciência pelo dia seguinte, sua esperança de “première” e de recordes.



Agora, entre dois abastecimentos, eu ia me aproveitar do sol ainda quente, deitar numa rocha morna dirigindo meus olhos rumo a um céu sem nuvens, escutar os barulhinhos, os murmúrios do ar, o ruído das asas... Ou senão, com a câmera na mão, andar tranqüilamente até a beira do abismo, até que aparecesse no azul um primeiro filamento de nuvem que me avisasse que um outro momento se anunciava: ou colocar um pulôver para resistir ao primeiro friozinho do fim de tarde e ir buscar a lenha para a fogueira da noite, depois de ter fechado a barraca de dormir.

A busca pela lenha me levava sempre rumo a lugares menos conhecidos, permitindo-me descobrir uma fauna e uma flora diferentes daquelas que cobrem os pontos mais elevados do planalto, mas sempre sem poder nomeá-la... Os biólogos estavam embaixo da

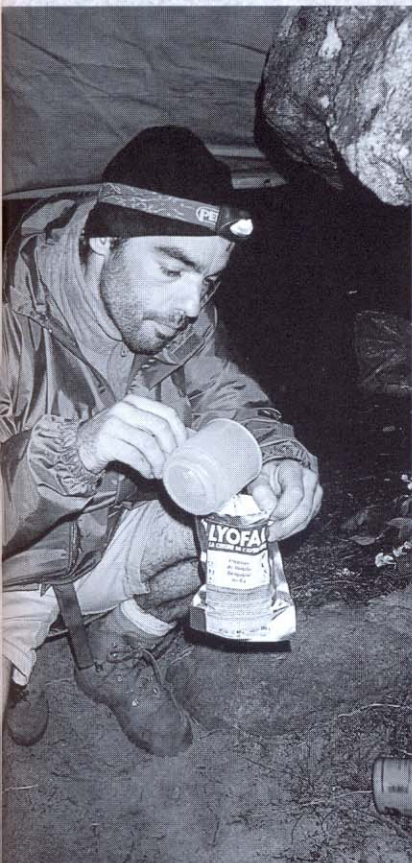
terra: a partida se jogava lá embaixo. Quando a provisão de lenha era suficiente, a última fase do dia começava: a partir das 17 ou 18 horas o frio se fazia mais penetrante, a umidade aumentava. Casacos de frio, corta-vento, luvas e gorros também faziam parte do equipamento completo.

Lá, no coração da Bocaina, o balanço do dia quase tinha acabado. A continuação se faria amanhã ou depois de amanhã. Como num formigueiro, as colônias iriam recomençar a caminhada para chegar até a superfície. A terra iria se esvaziar de seus bípedes para deixar de novo a prioridade aos cavernícolas... Aqui no acampamento, fazia mais de uma hora que o piado dos pássaros se tornava mais raro porque eles haviam retornado aos seus abrigos até amanhã de manhã. As formas se deformavam e se transformavam

no decorrer do percurso do sol no céu... Aliás, o sol ia desaparecer em breve no horizonte, deixando lugar ao crepúsculo. Era a hora "entre cão e lobo". Mas aqui não tinha nenhum deles... À exceção do lobo do mosteiro, que não nos visitou, o que foi uma grande pena.

Daqui a uns minutos... Ou umas horas... O grupo iria se reconstituir na superfície. As equipes, ricas de suas descobertas e de suas vitórias, sob a rocha e a água, iriam, talvez, compartilhar e trocar suas emoções e conquistas. Suas vozes e risos poderiam ser ouvidos sob a barraca e em volta da fogueira.

Aliás, eu tinha que cumprir os últimos gestos de minha missão diária: buscar o último galão e, com um fósforo, acender o braseiro que iria esquentar nossas mãos, entorpecidas pelo frio, assim como a panela do jantar. Em seguida, também ficaria na sombra do grupo



Cenas do acampamento no Pico do Inficionado. À esquerda, a grande lona laranja que serve de abrigo, cozinha e ponto de reuniões. No centro, o preparo de uma refeição liofilizada para o jantar. Ao lado, o local de captação de água mais próximo do pico, onde pode-se observar o pedaço da asa do avião que serve de bica.

Fotos: Jean François Perret.

para captar os relatos de cada um e de entrar – por procuração – nesse mundo que estava me chamando...

De fato, teria a oportunidade de fazer uma curta incursão embaixo da terra - ou seria mais exato dizer, na entrada do Centenário - graças ao Thiago e ao Jorge, que me convidaram a segui-los enquanto eles fariam um reconhecimento dentro da "cavidade mítica", em busca de espécies cavernícolas. Dentro de uma galeria estreita encontraríamos, efetivamente, milhares de opiliões... (seria melhor não ter fobia de aranhas!)... Era uma cena fascinante!

Ainda recolheríamos algumas amostras de rochas para observá-las posteriormente, no quadro de seus estudos. Nesse momento, eu tive a confirmação de que meu interesse pela espeleologia era bem direcionado: os mistérios da vida subterrânea sob suas formas do reino mineral e animal. O aspecto

das performances físicas me limitava. Mas um desses aspectos não pode ser dissociado do outro. Lá estava meu dilema!

Uma outra experiência iria também enriquecer minha estadia: operadora de rádio na operação de resgate. Este evento será contado por Jacques (você sabe, o dia do "reveillon" no acampamento. Jef se lembra disso!). Eu já tinha servido de "cobaia" durante um exercício de resgate. Quando não se trata mais de um exercício, mas de um fato real, as coisas são diferentes. Mesmo sabendo que se trata, provavelmente, de um incidente e não de um acidente. A gente se esquece do frio, do cansaço, o tempo muda de escala. E, lá em cima, na saída da Bocaina, foi também Thiago que me fez companhia e que me ajudou a cuidar do fogo durante a espera, enquanto Olivier, Marc e Gilles iam buscar Valérie, Jacques e Guy.

Mesmo sem evento especial, cada dia foi rico de ensino e de alegria.

A riqueza foi além da riqueza dos homens, ao mesmo tempo de todos e de cada um. A diversidade, o jogo das diferenças, das oposições e dos complementos, o inesperado e o "mágico" indescritível, intocável.... Ou senão, só com o coração.

Cada instante memorável não foi necessariamente imortalizado em um filme ou em uma foto – pelos talentos complementares de Gilles e de Joël – mas muito mais no coração e na mente de cada um. E como eu havia imaginado TUDO dezoito meses antes, sem me arrepender nem reclamar, eu afirmo e assino: Foi genial! 



A campamento no Pico do Inficionado com várias barracas montadas ao redor da grande lona laranja.

Foto: Jean François Perret.

CANDIDE A CARACA

Nelly Hazard

Groupe Spéléo Bagnols Marcoule

Mercredi 27 Juin 2001.

Il est 9h 45, ce matin-là, lorsque les premiers marcheurs de la caravane tournent le dos au monastère dans lequel nous venons de passer notre dernière nuit "tout confort" (lit duvillet, table généreuse, eau à volonté...) avant de planter le camp pour les cinq jours suivants au Pico do Inficionado (alt. 2060 m).

Qu'ai-je donc en commun avec mes 15 autres compagnons (Jef, Jacques, Guy, Valérie, Benoît, Marc, Joël, Gilles, Olivier, Ezio, Augusto, Daniel, Hedmilson, Alvaro et Gabriel) - spéléos acharnés et passionnés - en quête de premières, de puits, de galeries et de rivières souterraines?

Ils sont rompus aux exercices

physiques, alors qu'il y a plus de 5 ans que je ne me suis plus mesurée à un sommet. Ils sont férus en technique et pourraient dormir à même la paroi, tandis que je suis tout juste autonome sur corde (sans fractionnement, s'il vous plaît!). Chacun d'entre eux peut apporter sa compétence dans une des spécialités utiles à la spéléo (géologie, hydrologie, biologie, topo, équipement, secourisme...) alors que je ne suis qualifiée dans aucune de ces disciplines.

Donc RIEN, en apparence... Seulement, moi, j'ai pensé TOUT, au moment où a germé dans mon esprit, dix-huit mois plus tôt, l'envie de me joindre à eux.

Alors pourquoi un tel enthousiasme à vouloir aller "au bout du monde", simplement pour "se la couler douce en surface, sans objectif précis, pendant que les autres membres du groupe sueront sang et eau dans le ventre de la terre", penseront certains?

Et bien tout simplement parce que lorsqu'il s'agit d'entreprendre quelque chose, les motivations de chacun peuvent être bien différentes! Les miennes étaient guidées par l'intérêt et la curiosité pour le "phénomène Expé" : observer, comprendre, ressentir ce qui pouvait bien animer ces équipes (dont le noyau était presque identique depuis que ces expéditions avaient démarré en 1994); partager le quotidien d'un groupe soudé par un objectif commun et cette amitié Franco-Brésillienne qui se perpétue d'année en année et se renforce à chaque rencontre ; capter les émotions qui passent au fil de la journée en fonction du déroulement des opérations, et voir et apprécier chacun sous un autre jour que le quotidien routinier... Et puis aussi il y a la simple curiosité de découvrir une terre inconnue, terre au sujet de laquelle j'ai entendu tant de récits enflammés depuis l'expédition pionnière de 1999 à Caraca.

Mais alors comment, moi, la "candide", ai-je pu devenir un élément d'une équipe de spécialistes dans le cadre d'une expédition dont l'objectif demandait à ses membres des qualités bien spécifiques?

Cela a pu se faire grâce à l'amitié et à la fraternité existant au sein d'une équipe sympa, qui a accepté que je puisse partager leur aventure, étant entendu que j'allais faire le maximum pour apporter du dehors ce que je ne pouvais apporter sous terre. Compte tenu de l'expérience de la précédente expédition, il s'avérerait qu'une des tâches à accomplir en surface des plus appréciables serait sans doute l'approvisionnement en eau : je serai donc "porteuse d'eau"...

Quand on connaît l'importance de l'eau pour la survie d'un camp, ce rôle me plaisait bien.

Certes l'eau ne manque pas à Caraca : elle circule sous nos pieds, ruisselle, creuse, sculpte le monde souterrain, terrain d'action de mes compagnons... mais en surface, c'est une autre affaire!

Le premier point d'eau souterrain est à - 80 mètres dans la fracture du Centenario ; sachant que chaque aller/retour au camp demande environ une heure...

Un autre point d'eau accessible en superficie se trouve aux abords du camp. Il consiste en une source qui ne consent à livrer son "trésor" que goutte à goutte, soit environ 7 litres en une demi-heure! Une centaine de litres d'eau par jour s'avèrent pourtant nécessaires à l'approvisionnement du camp qui compte de 16 à 21 personnes, afin de permettre à chacun de faire une toilette minimum, la cuisine, la vaisselle, de se désaltérer sur et sous terre, et pour les lampes à carburé. Cependant, avant d'atteindre le camp de base - la terre promise - il nous fallait, non pas marcher sur l'eau, mais "bouffer du caillou". Et moi, ma première, j'étais en train de la vivre, avant même d'être arrivée sur le terrain. Pendant qu'ils progressaient tous comme des bouquetins pleins d'allégresse, je mangeais la terre. L'allégresse ne me faisait certes pas

défaut, elle était dans le cœur et la tête, mais elle délaissait mes jambes! Heureusement, des mains secourables m'ont permis d'atteindre le but.

Il est 15 heures lorsque j'embrasse du regard l'immensité et la magnificence du lieu.

Un paysage vierge, un horizon illimité, un silence que nous sommes les seuls à rompre.

L'installation du camp est déjà en cours. L'eau pour le soir a été puisée par le chef porteur brésilien. Il reste à consolider l'abri du camp - futur lieu de rassemblement pour les débriefings, les repas, et les échanges animés des retours d'explo - et ramasser du bois pour allumer le premier feu de joie inaugurant notre présence en ces lieux. La chaleur est la bienvenue pour adoucir la morsure du froid de cette fin de journée. Pour ce premier soir, l'extinction des feux se fera tôt, dès la fin d'une première approche des objectifs du lendemain.

Chaque jour aura son objectif, et à chaque équipe sa mission.

Ainsi je verrai quotidiennement partir les équipes dans les profondeurs, et je resterai là pour assurer mon devoir, immuable... immuable mais non dénué d'intérêt pour ce qu'il va me permettre de vivre

Du Jeudi au Lundi, mes activités se caleront sur le départ et le retour des équipes.

Ma journée sera donc ponctuée par le petit déjeuner et le dîner pris en commun. Ils nous arrivera même de "réveiller".... Mais ça c'est l'histoire de Jacques. Il vous la racontera lui-même!

Chaque matin le rituel est presque identique, mais aussi à chaque fois tellement différent car l'air et la luminosité sont différents, l'éclairage et l'expression des visages sont autres, le rythme est autre.

Parfois le camp s'éveille lentement et chacun s'extirpe de la brume matinale au même rythme que le soleil s'élevant dans le ciel. Certains matins, les éclats de voix et de rire bousculent la nature encore endormie. Quoi qu'il en soit, le premier point de ralliement, c'est le petit déjeuner, convivial, chaleureux et toujours copieux.

Après le petit déjeuner, rassemblement pour la répartition et la préparation du matériel, le bouclage des kits, la constitution des équipes qui s'égrènent ensuite, par vagues successives, dans toutes les directions, sur les crêtes, vers leur futur champ d'action. Lorsque la dernière silhouette s'efface sur l'horizon, ma mission commence - un peu comme l'accessoiriste du théâtre que l'on ne voit jamais sur la scène...

Dans un premier temps, le terrain au dehors se vide, les failles et les puits accueillent déjà les plus impatients parmi les premiers visiteurs du jour ; les différents habitants cavernicoles se replient alors devant l'invasion de ces intrus. Un autre rythme se met ensuite en place : dans le monde d'en bas, l'activité bat son plein, alors qu'en surface le calme est revenu et les occupants naturels des lieux reprennent possession de leur territoire.

Et moi, seule sur ce vaste domaine aux frontières insondables, j'ai l'impression d'entrer dans un autre univers : les oiseaux, les papillons et les insectes ont remplacé alentour le ballet des humains en effervescence.

Un coup d'œil circulaire me fait sourire : le camp ressemble à une salle de jeux désertée brusquement par une bande d'enfants, une cuisine pillée par un chat rôdeur, un champ de bataille après le départ des troupes... Le café renversé voisine avec une chaussette oubliée, une tasse vide traîne non loin d'un sac à déchauser en plastique délabré, les sacs de réserves alimentaires attendent, gueule béante, la main qui les refermera jusqu'au prochain assaut. Un peu plus haut, sur le promontoire qui sert d'atelier, de bureau, de bar (...) des équipements variés semblent déjà prêts pour un prochain départ. Sous la tente, le bloc de pierre faisant office de table disparaît sous les sacs éventrés et la vaisselle sale. A l'extérieur de la tente, l'âtre constitué de plusieurs blocs de rochers, s'est transformé en poucelle... les cendres sont recouvertes de mouchoirs en papier, de sacs en plastique, de peaux de saucissons, de croûtes de fromage qui se consomment en dégageant une odeur âcre. Les vaches à eau, les bouteilles et les bidons sont à sec.

Bon, au boulot!

Premier objectif,
démarrer le plein d'eau.

Je récupère un sac en plastique accroché à un buisson, j'y enfourne toutes les bouteilles vides, j'équipe les bidons de ficelles pour faciliter le portage ; et je file au point d'eau qui m'a été indiqué la veille au soir. Je suis le chemin de crête jusqu'au moment où il plonge dans la cime des arbres, se poursuivant par un chemin de terre étroit et pentu, pour déboucher sous une arche de roche, puis de végétation dense parsemée de quelques taches de couleurs.

Découverte! Ce lieu ressemble à une grotte secrète ; confondu au paysage du dehors, il offre un refuge frais et feutré, laissant filtrer parcimonieusement les rayons du soleil, et il y flotte une odeur d'humus,

J'aperçois la source : l'eau sourd du talus rocheux et s'écoule en mince filet sur une gouttière de fortune, confectionnée dans un débris d'aile d'avion d'un appareil s'étant écrasé il y a des années à quelques centaines de mètres du camp. Ce dispositif permet effectivement une récupération plus facile de l'eau. Je dépose tous les récipients et met en place un premier bidon. Pendant le remplissage, j'inspecte les lieux. Ensuite, je fais de même avec le second bidon et je remonte avec ma première provision vers le soleil.

Lorsque j'arrive près de la tente, une population variée d'oiseaux occupe les lieux. Ceux-ci ne semblent pas être spécialement perturbés par mon approche. Il est vrai que j'évite tout geste brusque, mon intention étant bien de profiter de leur présence. Je m'assois et j'observe ; noir geai, beige cendré, gris tacheté de couleurs ... aucun d'entre eux ne m'est familier.

Chacun semble avoir son territoire de prédilection et son occupation favorite: l'un s'efforce de creuser une baignoire dans la terre sableuse pour y lisser ses plumes ; son voisin, perché sur une branche frêle d'arbuste, essaie d'en extraire des graines ; un troisième s'acharne sur les restes du petit déjeuner ; un peu plus loin, un

solitaire se délecte de la rosée recueillie par une plante formant un calice.

Arrêt sur image ... -sans appareil photo- car maintenant que j'ai intégré leur environnement, le moindre geste les ferait fuir. Mon regard se fige, mon esprit s'envole... sous terre. Où sont les autres? Que font-ils? Maintenant, les équipes ne se perçoivent plus, chacune dans son "trip" poursuit son objectif. Fait-il froid là-bas, dessous? Ont-ils rencontré l'eau?

Le battement d'aile d'un papillon flamboyant de couleurs se posant sur un caillou proche de moi me rappelle que l'heure de la relève a sonné - la relève de l'eau bien sûr! je romps le charme pour me remettre à l'ouvrage. Avant de redescendre à la source, je transvase le premier bidon dans une des vaches à eau; le but consiste à les remplir avant midi afin qu'elles chauffent pendant les heures chaudes.

Ah! Ca déborde... quelques minutes trop tard. Je place le troisième bidon et je remonte.

Déjà 10 heures du matin, chaude journée en perspective. Les journées sont courtes : entre 10 heures et 16 heures, c'est le moment le plus chaud et lumineux. Auparavant, les brumes ne se sont pas encore évaporées ; une fois passé 16 heures, le crépuscule commence à "manger le ciel", amorçant un coucher de soleil qui ressemble à un feu d'artifice. C'est vrai qu'ici, c'est l'hiver austral...

Quelques va-et-vient qui alterneront avec le remplissage des vaches à eau, le rangement, la vaisselle, le nettoyage de l'âtre et la préparation du feu m'amèneront, sans y penser, à faire une pause grignotage et à me rafraîchir à la source (rien de mieux que de profiter véritablement du concept "directement du producteur au consommateur!"). Pour ce voyage, je me suis muni d'un carnet de note et d'un appareil photo en prévision d'un séjour un peu plus long.

Et puis c'est la séquence de lavage des bouteilles (recouvertes de terre ou de chaux), suivie du remplissage pour la cuisine et le reste.

Certains jours, je savourais les délices d'une douche en pleine nature,

dans ce cadre bucolique. En effet, grâce à un astucieux calage d'un quart cabossé, je pouvais récupérer environ un à deux litres d'eau supplémentaires en un peu plus d'une demi-journée, à partir d'un écoulement secondaire de l'aile d'avion

Zoom sous terre ... que font Jef, Augusto, Joël, Jacques, Benoît, Ezio, Valérie et les autres? Pause restauration ou galère pour trouver le point topo?

Cogitation intérieure (-Et zut! si j'avais pris un mousqueton en plus... - Tiens, je croyais avoir pris une batterie de rechange ...) ou jubilation (-Eh, regarde! Ça souffle, y'a un passage. On va faire la jonction!). Mais tout ça, c'est fiction ... j'imagine seulement. Je ne suis pas présente parmi eux! Ce soir enfin, au retour, je saurai ce qu'il auront vécu, transcendé, dépassé, atteint, risqué... je percevrai leur fatigue, leur lassitude, leur frustration parfois, leur impatience du lendemain, et leur espoir de première et de record.

Maintenant, entre deux remplissages, je vais profiter du soleil encore chaud, m'allonger sur un rocher tiède, les yeux plongés dans un ciel sans nuage, écouter les crisements, les murmures de l'air, les bruissements d'ailes... Où bien, appareil en bandoulière, je marcherais paisiblement, au bord de l'abîme, jusqu'à ce que se profile dans l'azur un premier filament nuageux qui m'avertira que l'heure sera venue d'enfiler un pull pour faire écran à la première fraîcheur de la fin d'après-midi. Et j'irai glaner du bois pour la flambée du soir, après avoir refermé la tente de couchage.

La corvée de bois m'entraîne inmanquablement vers des lieux moins connus où je découvre une faune et une flore différente de celle qui recouvre le sommet du plateau, mais toujours sans pouvoir la nommer... Les biologistes sont sous terre : l'enjeu est sous terre.

Lorsque la provision de bois est suffisante, la dernière phase de la journée s'amorce : à partir de 17 ou 18 heures, le froid se fait plus pénétrant, l'humidité en plus. Polaire, coupe-vent, gants et bonnets viennent alors compléter la panoplie.

Là-bas, au cœur de Bocaina, les activités du jour seront bientôt bouclées. La suite des opérations sera remise à demain ou après-demain. Alors, d'ici peu, la fourmilière humaine se remettra en marche, en colonnes, pour rejoindre la surface. La terre se videra peu à peu de ses bipèdes et les cavernicoles pourront regagner sans plus tarder leurs lieux de prédilection... Sur place, au camp, depuis plus d'une heure déjà, le piaillage des oiseaux se fait rare car ceux-ci sont déjà dans leur abri jusqu'à demain matin, cependant qu'au ciel, des nuages se forment, se déforment et se transforment au gré de la course du soleil... qui ne devrait d'ailleurs guère tarder à disparaître à l'horizon avant que le crépuscule ne regagne ses droits. C'est l'heure "entre chien et loup". Mais ici, nulle présence de ce dernier n'a été à signaler... mis à part le loup du monastère qui ne nous a pas honoré de sa visite, à mon grand regret.

Dans quelques minutes... ou dans quelques heures... le groupe se reconstituera en surface. Les équipes, riches de leurs découvertes et de leurs victoires sur la roche et sur l'eau, échangeront et partageront peut-être leurs émotions et leurs conquêtes. Leurs voix et leurs rires trouveront sans doute du résonnant sous la tente et autour du feu.

D'ailleurs, il est temps que j'accomplisse les derniers gestes de ma mission journalière : chercher le dernier bidon et gratter une allumette sous le futur brasier qui réchauffera nos mains engourdis par le froid. J'en profiterai aussi pour mettre la marmite du dîner à chauffer.

Ensuite, quand ma tâche sera accomplie, je m'effacerai et j'écouterai les récits des uns et des autres qui ne manqueront pas de m'introniser - par procuration - dans ce monde qui m'interpelle....

En fait, un jour, l'opportunité se présentera à moi de faire une courte incursion sous terre, ou plus exactement à l'entrée du Centenario. Je devrais cette faveur à Thiago et Jorge qui m'inviteront à les suivre, alors qu'ils allaient faire une reconnaissance dans



Em poucos minutos o tempo pode mudar no Pico do Inficionado e no mesmo dia pode-se presenciar as quatro estações do ano. Foto: Jean François Perret.

"l'autre mythique" à la recherche d'espèces cavernicoles. Dans une cavité étroite, nous aurons l'occasion d'observer des myriades d'amblipiges, spectacle des plus fascinants... (mais qui est hautement déconseillé à toute personne ayant la phobie des araignées!). Puis nous avons recueilli quelques échantillons de spécimens divers de roches qui seront soumis à des études ultérieures.

C'est à ce moment-là que j'ai eu confirmation que mon intérêt pour la spéléo était bien ciblé, mes préférences allant aux mystères de la vie souterraine sous ses deux règnes : minéral et animal.

Le côté "performances physiques" me limite. Mais l'un ne va pas sans l'autre... Et c'est bien là mon dilemme!

Une autre expérience viendra enrichir mon aventure : celle de relais radio dans le cadre d'une opération d'auto-secours. L'événement, c'est Jacques qui vous le racontera (vous savez, l'épisode du "réveillon" au camp, Jef s'en souvient!).

Avant ce jour, j'avais déjà joué le rôle du "cobaye" pour un exercice de secours. Or cette fois-ci, il ne s'agissait plus d'un banal exercice, mais bien de la réalité. Alors, au niveau des tripes, les sensations étaient autres, même si on restait persuadés que ce n'était

probablement qu'un incident, et non pas un accident.

Dans ces cas-là, on en oublie le froid, la fatigue, et le temps change d'échelle. Et là-haut, à la sortie de Bocaina, c'est aussi Thiago (salut Thiago!) qui m'a tenu compagnie et aidé à entretenir le feu pendant l'attente, pendant qu'Olivier, Marc et Gilles allaient à la rencontre de Valérie, de Jacques et de Guy.

Même en l'absence d'événement marquant, chaque journée aura été riche d'enseignements et de joie.

La richesse se sera manifestée, au-delà de la richesse propre à chacun d'entre nous, par la diversité, le jeu des différences, des opposés et des complémentarités, par l'inattendu et la "magie" indescriptible, insaisissable... ou seulement par le cœur.

Chaque instant mémorable n'a pas forcément été immortalisé sur pellicule ou sur papier - grâce aux talents conjugués de Gilles et de Joël - mais ils resteront dans le cœur et l'esprit de tous. Et lorsque j'avais pensé TOUT il y a dix-huit mois, j'avais raison, et c'est donc sans remords ni regrets que je persiste et je signe... c'était génial!

Ω